A SUINOCULTURA E O MEIO AMBIENTE: ESTUDO DE CASOS NO OESTE DE SANTA CATARINA

Simone Sehnem[1]
Loraine Rodrigues Garrido[2]

RESUMO

O estudo baseou-se na questão instigadora da importância atribuída pelos produtores rurais, associados à Cooperativa Agropecuária Itapiranga, ao aspecto do meio ambiente na atividade da suinocultura. Com este enfoque, buscou-se identificar quais são os conhecimentos dos produtores rurais a respeito de impactos ambientais, bem como levantar dados sobre a importância atribuída a fatores relacionados ao meio ambiente ao desenvolver a atividade da suinocultura. Através da pesquisa bibliográfica, foram abordados assuntos relacionados ao meio ambiente, impacto ambiental e obrigações do poluidor, a suinocultura em nível global, em nível de país, estado, região oeste e município de Itapiranga. Além disso, apresentam-se informações sobre dejetos, sistemas de tratamento de dejetos, programas de manejo e Legislação Ambiental que versa sobre a suinocultura. A pesquisa de campo foi realizada junto a 21 produtores rurais, associados à Cooperativa

[1] Acadêmica
[2] Orientadora Profª. MSc.

Agropecuária Itapiranga/SC - Cooperita, na ocasião em que foi aplicado um questionário e efetuada a observação da situação das propriedades em relação às instalações suinícolas e manejo de dejetos. No que se refere à importância atribuída pelos produtores rurais para o aspecto do meio ambiente ao desenvolver a atividade da suinocultura, constatou-se que, para a maioria dos produtores pesquisados, este assunto é relevante. Alguns são da opinião de que o meio ambiente é pouco importante e, em pequeno número, existem produtores indecisos em relação ao assunto abordado. No entanto, o fato de atribuir importância ao meio ambiente não significa que estes produtores já adotam medidas de preservação ambiental. Esta é a opinião dos produtores, porém a realidade mostra que existem propriedades causadoras de graves impactos ambientais. Quanto ao conhecimento dos produtores a respeito de impactos ambientais, notou-se que, de maneira geral, estes possuem noções do assunto abordado, entretanto, são conhecimentos pouco profundos que não os permitem defini-los, mas citam exemplos reais, com os quais lidam diariamente. A realidade observada nas propriedades evidencia que a grande quantidade de dejetos produzidos exige a aplicação destes excrementos, além do permitido pela Legislação Ambiental por hectare, por ano, ocasionando um alto nível de impacto ambiental. A empresa Cooperita, que há poucos meses foi incorporada pela Cooper A1, tem o desafio de zelar pela capacitação dos produtores rurais e o enquadramento das instalações destes às exigências das normas ambientais, ações estas, que irão reverter-se em resultados positivos para ambos.

Palavras chaves: suinocultura, meio ambiente, impacto ambiental.

ABSTRACT

The study was based upon the instigate question of the importance imputed by the rural producers, associated to the Agro-raising Cooperative Society Itapiranga, to the environmental aspects in the swine growth activity. On this view, one looked for identifying what are the rural producers' knowledge about environmental impacts, as well as raising up data about the importance imputed to factore acquainted with environment when unfolding the swine grow activity. Through a bibliographical investigation it was possible explaining subjects related to the environment, envinmental impact and the pollutera' duties, swine grow in a global, country, state, Westside and in Itapiranga's tows. Besides, it was showed some information about defecation, defecation treatment systems, managenet programs, and Environmental Legislation about Swine Growth. The subject poll was achieved with twenty-one rural producers, associated to the Agro-raising Cooperative Society Itapirange in the State of Santa Catarina – Cooperita, when a questionnaire was applied and the observation of the properties' conditions was made in relation to the swinish installations and the handling of defecation. Considering the importance that is attribuited by the rural producers to the environmental aspect, in developing the swine growth activity, one noticed that, for the most of the involved in the study, the subject is relevant. Some of them agree that environment is of little importance and there is a least number of indecisive producers in relation to the subject explained. However, attributing importance to environment does not mean that these producers already use some environmental measures of preservation. That is the producers' idea, though reality shows some properties that cause serious environmental impacts. As for the producers' knowledge about the environmental impact, one noticed that, in general, those ones have some basic notions from the subject

matter, however, they are a superficial knowledge, and they are not able to define it, but they relate true daily examples. The reality seen in the properties enhances that the majority of defecation products demands for the defecation's applying beyond those permitted by the Environmental Legislations per hectare, in a year, causing a high level of environmental impact. The Cooperita Company, that a few months ago has been incorporated by the Cooper Al has the challenge of watching over the rural producers' capability and the enframing of their installations into the demandings of environmental rules, because those actions will become positive results for both the Cooperita company and rural producers.

Key words*:* Swine Growth, Environment, Environmental Impact.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Aurélio, meio ambiente consiste em um conjunto de condições naturais e de influência, que atuam sobre os organismos vivos e os seres humanos. Neste local, os suínos, mamíferos que são animais não ruminantes, originários do javali, são criados por toda parte como animais domésticos e geradores de renda para as propriedades. Motivo este, que tem exigido o aprimoramento genético dos suínos, para aumentar o potencial produtivo e a conversão alimentar.

O ganho de produtividade, decorrente da tecnificação do setor suinícola fez com que ocorresse uma significativa expansão do setor no nosso país, nos últimos anos. Um salto de 32.544 milhões em 1995, para 32.883 milhões previstos para 2002 (ANUALPEC, 2002).

Dados de 1995 Anualpec (2002) mostra que os maiores produtores de suínos são a China, Estados Unidos, França, Brasil

e Canadá, sendo que a produção suína mundial cresceu 2% ao ano no período de 1995 a 2001.

Conforme pesquisadores da FAO, calcula-se que o mundo irá produzir 105 milhões de toneladas de carne suína no ano de 2010. Isto representa um crescimento de 21,5% nos próximos anos. Em torno de 1,95% ao ano. Cerca de 60% desta produção, uma bagatela de 63 milhões de toneladas estará concentrada nos países "em desenvolvimento". Isto demonstra que a tendência é de maior concentração de suínos nos países em desenvolvimento, decorrente da crescente preocupação dos países desenvolvidos com o aumento da poluição provocada pelos dejetos de suínos (ANUALPEC, 2002).

Nesse sentido,

> Calcula-se que em 2075 a população da terra atingirá o seu ponto de saturação, passando a manter-se na faixa de 11 bilhões de pessoas. A criação de suínos, pela capacidade de reprodução da espécie e facilidade de seu manejo, é atividade chamada a responder ao desafio de produzir em quantidade e proteína animal de alta qualidade para atender ao crescimento populacional. (ANUALPEC, 2002, p.281).

Dentre os países em desenvolvimento, a suinocultura terá maior oportunidade de crescer nos países emergentes, cujas economias mais se destacam, sendo eles, China, Brasil, Índias e Argentina. Destes países, os que possuem melhores condições para desenvolver sua agricultura, objetivando produzir os grãos básicos a produção de suínos são a China e o Brasil (ANUALPEC, 2002).

No entanto, a produção chinesa será destinada praticamente toda para o seu próprio consumo, pois a China possui a maior

população do mundo. Desta forma, evidencia-se que o Brasil é um dos países que possui melhores condições para produzir suínos a custos menores, com condições de exportá-lo para o resto do mundo e atender, de uma forma eficiente e econômica, as demandas crescentes, na luta contra a fome mundial.

Entretanto, essa demanda suína ocasiona graves agressões ao meio ambiente e também está associada ao cenário de margens reduzidas de lucros para os produtores. Pertinente a estes fatores ocorre a insatisfação da maioria dos produtores, reflexo da grave crise pela qual o setor passou, ocasionada pela frustração da safra de milho 2001/2002, a brutal desvalorização cambial do segundo semestre de 2002 e restrições das exportações da carne suína, ocasionadas pela doença Aujeszky.

Esse clima de insatisfação provoca desânimo nos produtores. Em conseqüência, ocorre a redução das tecnologias empregadas e a não preocupação com as agressões, sofridas pelo meio ambiente.

Conforme Perdomo (2002), a suinocultura é considerada pelos órgãos de controle ambiental como uma atividade causadora de degradação, sendo enquadrada como de grande capacidade poluidora.

2 JUSTIFICATIVA

A fome tem despertado uma preocupação crescente a nível mundial com a mobilização da sociedade em busca de soluções que visem a produção de alimentos suficientes para toda a humanidade, ao mesmo tempo em que objetiva a viabilização das propriedades rurais, impulsionada pelo alarmante crescimento dos bolsões de pobreza em torno das cidades, agravado pelos agricultores excluídos da terra.

A administração deste cenário desencadeou um esforço empreendido por todos os segmentos da sociedade com o objetivo de gerenciar os recursos naturais e atender a demanda de uma população que cresce de uma forma assustadora criando necessidades básicas crescentes.

Nesse sentido, a agricultura moderna tem o compromisso de trabalhar a sustentabilidade das propriedades e buscar tecnologias de produção que se adaptem a cada situação e que não ofereçam riscos ao meio ambiente.

Entretanto, o aumento da produção de alimentos se depara com alguns complicadores, quais sejam, produzir o suficiente para a crescente demanda e encontrar formas viáveis para chegar a este resultado. Basicamente existem duas alternativas: o uso da tecnologia e abertura de novas fronteiras para a exploração.

Dentro deste contexto a suinocultura tem se destacado em algumas regiões do Brasil e mais especificamente, em Santa Catarina, onde se adaptou a uma situação de pequenas propriedades que tem como uma das culturas principais, o milho, insumo básico nesta atividade e mão-de-obra familiar.

Apesar de toda esta importância econômica e social a suinocultura, por sua característica de exploração intensiva e geralmente com a criação totalmente confinada, tem um grande potencial poluidor e representa uma ameaça ecológica se não for desenvolvida seguindo normas e orientações técnicas.

Baseado no cenário exposto, este trabalho buscou identificar junto aos produtores rurais qual a importância atribuída por estes, para o aspecto do meio ambiente. O enfoque é a propriedade rural, a suinocultura e sua relação com o meio ambiente, sob o ponto de vista do produtor.

3 SUÍNOS NO BRASIL

Afirma Cavalcati (1984), que para o Brasil chegaram os primeiros suínos com Martim Afonso de Souza em 1532, estabelecendo-se no litoral paulista, na cidade de São Vicente. Eram da mesma raça daquelas da Península Ibérica, existentes em Portugal. Destes animais, muitos escaparam, embrenhando-se mata adentro e formando grupos independentes.

No Brasil, a suinocultura é uma atividade relevante no setor pecuário. Tem-se um dos maiores "porcinos" do mundo, com aproximadamente 31.310.705 cabeças (FNP/ABCS/ABICEPS/ IBGE, 2000).

O Brasil não acompanhou os progressos técnicos da suinocultura ditados pela Europa e América do Norte. Somente a partir de 1960 a 1970, as raças melhoradas tiveram sua penetração no cenário nacional (CAVALCANTI, 1984).

Afirma Cavalcanti (1984) que o aumento da produção suinícola no Brasil é tecnicamente possível, socialmente desejável e economicamente interessante. Isto porque temos potencial para aumentar o desfrute do nosso rebanho por meio da racionalização da suinocultura. Necessitamos melhorar a alimentação dos brasileiros, deficiente em proteína e energia, presente em grande escala na carne suína.

A população suína brasileira apresenta uma maior concentração na região sul, com cerca de 15.642.326 cabeças (FNP/ABCS/ABIPECS/IBGE, 2000). A distribuição por região no ano 2000 foi a seguinte:

- Norte: 1.802.017 cabeças
- Nordeste: 5.269.238 cabeças
- Sudeste: 5.562.455 cabeças
- Sul: 15.642.326 cabeças
- Centro Oeste: 2.933.416 cabeças

3.1 Cenário Catarinense da Suinocultura

Santa Catarina é considerada a maior produtora de suínos do país, possuindo 12,7% do total do rebanho nacional. Em 2001, o Estado foi responsável por 30,25% da produção total e 35,19% do abate inspecionado – SIF – Sistema de Inspeção Federal. (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002).

Considerando o abate inspecionado, Santa Catarina somou 6,7 milhões de cabeças de suínos produzidas em 2001. Isto representa um aumento de 7,2% em relação ao ano anterior. Sendo que a produção total foi estimada em 8,17 milhões de cabeças. Um aumento de cerca de 5,2% em relação a 2000. (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002).

Santa Catarina é destaque também no investimento em material genético. Em 2001 o Estado registrou 52.192 produtores, correspondendo esta demanda a 30,18% do total dos animais registrados no PBB/ABCS – Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002).

Com relação às exportações de carne suína, Santa Catarina encerrou o ano de 2001 em 265.165 toneladas, sendo que o crescimento foi de 107% em relação ao ano anterior. Dessa forma, a receita cambial foi 109% superior a 2000, alcançando US$ 58,966 milhões. Estes números são revelados pelo Anuário Catarinense de Suinocultura (2002, p.17), mostrando que:

> Do total embargado, 64% (995.754 toneladas) foram de cortes. Os outros 36% foram vendas de meias carcaças. As vendas foram direcionadas para os mercados compradores da Rússia (95.754 toneladas de meias carcaças e 56.102 toneladas de cortes). No ano passado, o Brasil se tornou o maior fornecedor de carne

> suína para a Rússia. O segundo maior comprador em 2001 foi Hong Kong, que importou 47.436 toneladas de cortes. A Argentina vem em seguida. O país vizinho importou 38.665 toneladas de cortes. Na seqüência aparece o Uruguai, que comprou 8.614 toneladas (53% a mais do que no ano anterior).

No âmbito das expectativas para 2002, a suinocultura catarinense almeja continuar o processo de desenvolvimento e modernização, buscando conquistar mais espaços internos e externos, procurando, desta forma, viabilizar a expansão da atividade e o aumento da produção.

Porém, a atividade suinícola depende de alguns fatores para que atinja o sucesso. Segundo o Anuário Catarinense de Suinocultura - 2002, é necessário manter o equilíbrio entre a produção e a demanda, estabilizar o comportamento de mercado das carnes concorrentes (aves, bovinos, etc), ter disponível insumos para ração em quantidade e qualidade sendo os preços compatíveis. Além disso, preços compatíveis com os custos de produção que garantam a renda ao produtor.

Com relação ao panorama de abates totais, estima-se que, o aumento em Santa Catarina será de 5,1%, passando de 7,77 milhões para 8,17 milhões de cabeças. Os abates com inspeção terão um incremento de 7,2%. Já a quantidade abatida de forma artesanal deverá aproximar-se de um milhão de cabeças abatidas. Isto mostra que a expansão de pequenos negócios artesanais teve grandes investimentos. Do total abatido em 2002, 78,8% foi sob inspeção federal, 10,2% sob outras formas (pequenos negócios artesanais e de agricultores familiares) e 11,0%, foi abatido nas propriedades para consumo próprio (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002).

> A expansão da suinocultura justificou a implantação de um centro de pesquisa e estudos na área. Este está localizado em Concórdia e denomina-se EMBRAPA Suínos e Aves. Sua missão consiste em "viabilizar soluções tecnológicas competitivas e sustentáveis para o agronegócio da suinocultura em benefício da sociedade". Buscando atender as carências da região, a EMBRAPA, pesquisa e estuda o tratamento, aproveitamento e valorização agronômica dos dejetos, avaliação dos sistemas intensivos de suínos criados ao ar livre, elevação da eficiência reprodutiva dos suínos, avaliação nutricional de alimentos para suínos, aumento da eficiência reprodutiva dos suínos, redução de perda de leitões, métodos gerenciais e difusão de tecnologias e banco de dados e sistemas de informação para suínos e aves. (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002, p.69).

Desse modo, de posse das informações disponibilizadas pelo anuário Catarinense de Suinocultura (2002), pode-se dizer que a EMBRAPA Suínos e Aves está atendendo as expectativas da população, pelo fato de gerar benefícios para a região e dar apoio para a agricultura familiar; popularizar as tecnologias; preocupar-se com a questão ambiental; aumentar a renda do produtor; fornecer produtos melhores e mais baratos para o produtor e para o consumidor, e participar ativamente na sociedade.

Fato que vale a pena destacar refere-se ao meio ambiente, sendo que, para o Anuário Catarinense de Suinocultura (2002), uma das principais preocupações de todos os setores envolvidos com a suinocultura é pertinente ao meio ambiente. A EMBRAPA apresenta alternativas de preservação e técnicas de manejo de dejetos de suínos. Os dejetos produzidos atualmente são

responsáveis pelo comprometimento de 90% dos mananciais de água do oeste de Santa Catarina. Além disso, esta instituição estuda meios de transformação dos dejetos em alternativas de renda para o produtor.

A constante preocupação com o meio ambiente fez com que a empresa desenvolvesse um sistema de tratamento de dejetos de suínos capaz de reduzir em 98% a carga orgânica e 99,9% os coliformes fecais dos dejetos suínos. Tal sistema, conhecido por cama sobreposta, é compatível com a pequena propriedade, maximizando o uso agrícola e controlando a poluição ambiental (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002).

O Anuário destaca ainda, que a suinocultura é a principal atividade do estado, participando com 21% do total. "Emprega diretamente em torno de 25 mil e, indiretamente, mais de 75 mil pessoas" (ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA, 2002, p.56).

Diante da constante concentração da produção suinícola, agrava-se a crise ambiental. Assim, consideram-se desafios: produzir sem poluir, garantir a qualidade dos alimentos e agregar lucros para o produtor.

3.2 Região do Oeste Catarinense

A região do oeste catarinense ocupa uma área de 25,3 mil Km^2 e estende-se do Planalto Catarinense até a fronteira com a Argentina. É considerado, um dos maiores pólos agroindustriais da América Latina. A base deste setor consiste na pequena agricultura familiar diversificada, que, de acordo com Testa et al. (1996), representam mais de 90% dos 100 mil estabelecimentos agrícolas situados na região.

> Da população total da região Oeste Catarinense, de 1,1 milhão de habitantes, meio milhão vive no meio rural, e estima-se que cerca de 50 mil pessoas, das quais 80 mil economicamente ativas podem ser excluídas da produção agrícola comercial. (TESTA et al., 1996, p.20).

Esta crise que acomete a agropecuária é preocupante. Além desta demanda populacional excluída do processo produtivo, a degradação ambiental é uma constante na região. Em conseqüência da carência de oportunidades de trabalho, ocorre o êxodo rural.

É preciso repensar o uso dos recursos naturais, objetivando a sustentabilidade e a permanência do homem na propriedade rural. Portanto, será preciso rever algumas tendências tecnológicas, de mercado e uso dos recursos naturais, para construir um modelo de produção que atenda às nossas necessidades, amenizando as conseqüências.

Um dos fatores que causou esta crise é a concentração crescente da suinocultura. "Em 1980 existiam 67 mil suinocultores, para os quais a atividade tinha significativa parcela de renda [...]. Atualmente a suinocultura é acessível apenas a uma minoria, estimada em 20 mil suinocultores, com tendência de concentração ainda maior". (TESTA et al. , 1996, p.20).

3.3 Realidade das Propriedades Pesquisadas

As propriedades rurais pesquisadas possuem de 0,5 a 43 hectares, sendo que a maioria possui em torno de 10 a 15 hectares e a média das propriedades pesquisadas é de 17,48 hectares/propriedade.

Observa-se que a idade da maioria dos produtores de suínos entrevistados varia entre o mínimo de 25 anos e o máximo de 65 anos.

Quanto à escolaridade dos produtores pesquisados, 76,19% possuem o ensino fundamental incompleto. Apenas um produtor possui escolaridade de ensino médio completo e 19,05% dos pesquisados possuem ensino fundamental completo. Nota-se que a formação dos produtores pesquisados é pequena.

De acordo com os dados coletados, 85,71% dos produtores pesquisados são proprietários do local onde residem.

Nota-se que a grande maioria dos produtores pesquisados estão presentes na atividade produtiva em sua pessoa ou através dos familiares. Desta forma, procura cuidar do capital de produção para gerar lucros e cobrir as despesas dos investimentos.

O ciclo de produção, iniciadores, apresenta um total de 605 animais. Na modalidade de crecheiros totalizam-se 4500 animais; nos terminadores tem-se, 2235 animais e na modalidade de ciclo completo são 304 matrizes distribuídas em suas propriedades. Nota-se que a menor propriedade de ciclo completo possui 4 matrizes enquanto a maior tem 210 matrizes. A demanda total de suínos nas propriedades pesquisadas na ocasião da visita era de 7.664 animais.

Os percentuais evidenciam que 66,67% dos produtores pesquisados possuem como principal atividade produtiva à suinocultura e 23,81% responderam ser a bovinocultura de leite a principal atividade produtiva da propriedade.

Em sua maioria, ou seja, 47,62% dos produtores pesquisados possuem o sistema de tratamento de dejetos produzidos chamado de bioesterqueira. Outro número significativo é composto pelos produtores que possuem o sistema convencional para o tratamento dos excrementos, perfazendo um total de 33,33%. Em menores índices são usados os sistemas de compostagem e sistema de lagoas em série com o uso de reatores anaeróbicos e lagoas de alta taxa.

Quanto ao o tipo de esterqueira existente na propriedade dos produtores pesquisados, nota-se que 80,95% possuem

esterqueiras de alvenaria; 14,29 % possuem esterqueiras de lona comum; e, 3 produtores responderam na categoria outros, porque estes são os crecheiros. Tal ciclo de produção não possui esterqueira, pois produzem através do sistema de compostagem, que, conforme Oliveira (2002), consiste na mistura dos dejetos líquidos a um substrato sólido (maravalha, palha, casca de arroz, bagaço de cana), na própria edificação, sendo submetidos a um processo de compostagem e estabilização, na presença dos animais.

Quando bem construída, a esterqueira de alvenaria apresenta menos riscos de poluição ambiental devido à infiltração do nitrogênio no solo e escorrimento superficial do fósforo (OLIVEIRA, 2002).

Na opinião de Testa et al. (1996), a maioria das propriedades opta pelo manejo dos dejetos na forma líquida. No caso dos produtores pesquisados, estes são da opinião de que é um sistema prático, higiênico e emprega pouca mão-de-obra. Contudo, apresenta alto risco de contaminação dos lençóis freáticos, pela quantidade de excrementos produzidos, distribuição incorreta e aplicação em locais inadequados. Conseqüentemente, advêm um sério e grave problema ambiental, causador de desequilíbrios, decorrente, principalmente, da redução do teor de oxigênio dissolvido na água.

A gestão inadequada dos dejetos pode se tornar uma ameaça para o solo, para a qualidade da água e do ar, para a saúde dos animais e dos seres humanos.

De acordo com a resposta dos produtores pesquisados, percebe-se que a maioria, ou seja, 45,83% dos produtores, possuem como sistema de distribuição de dejetos, terceiros. No entanto, outro percentual significativo, de 33,33% possui distribuidor próprio.

Os produtores pesquisados apresentam em suas respostas um predomínio da opinião de que a produção de dejetos de suínos

deve ser preocupação do produtor e 23,81% consideram que esta preocupação deve ser do produtor mais a empresa.

Segundo Steigleder (2002), o poluidor vitimado pelo dano ambiental deve assumir integralmente os riscos de sua atividade econômica e todos os custos decorrentes da prevenção e reparação dos danos.

Subentende-se, no entanto, que a empresa integradora também deve assumir uma parcela de responsabilidade com a preocupação do destino dos dejetos. O mínimo que esta deve fazer é orientar os produtores do destino correto dos dejetos suínos, da quantidade de m^3 de dejetos suínos/hectare/ano, da importância da análise do solo e efetuar um planejamento em conjunto com o produtor da área útil da propriedade para o destino dos dejetos, considerando esta para destinar os excrementos.

Analisando os dados obtidos junto aos produtores, percebe-se que, na sua maioria, os produtores pesquisados possuem uma noção vaga sobre o que é impacto ambiental. Com relação a importância atribuída aos estudos sobre impacto ambiental ocasionado pelos dejetos de suínos, 66,67% dos produtores consideram isto importante e 33,33% são da opinião de que isto é muito importante.

Os percentuais evidenciam que 52,38% dos produtores pesquisados consideram não importante concentrar a atividade produtiva de suínos em poucas propriedades; 4,77% consideram isto pouco importante; 28,57% estão indecisos; 9,52% são da opinião de que a concentração da suinocultura em poucas propriedades é importante e 4,76% responderam ser muito importante.

Com relação à resposta dos produtores pesquisados sobre a importância de prever impactos ambientais na implantação de um projeto de suínos, observa-se uma certa heterogeneidade nas respostas. Consideram não importante, 4,77% dos entrevistados; pouco importante 47,62% e muito importante 28,57%. Desta forma, percebe-se que 76,19% dos pesquisados atribuem importância a este detalhe.

Na opinião dos produtores pesquisados, sobre a importância de seguir as normas de segurança relacionadas ao meio ambiente, 57,14% responderam ser importante e 42,86% são da opinião de ser muito importante seguir as normas de segurança.

Obteve-se também um percentual de 42,86% dos produtores questionados que tem preocupação com o volume de dejetos produzidos. Destes, 2 são iniciadores, 2 produtores são crecheiros, 03 são terminadores e 02 são da modalidade de ciclo completo. Em contrapartida, a grande maioria, ou seja, 57,14% dos entrevistados não tem preocupação com o volume de dejetos produzidos. Isto evidencia que o nível de conscientização da população ainda é baixo. É necessário investir muito nesse sentido, para que as pessoas atribuam importância ao aspecto poluição, impacto ambiental e se condicionem a amenizar os efeitos destes.

No geral, conforme os resultados do questionário, nota-se que os produtores pesquisados atribuíram menor importância para o estudo sobre impacto ambiental ocasionado pelos dejetos de suínos, o conhecimento dos arredores do local onde será implantado um projeto suíno; à ação de seguir as normas de segurança relacionadas ao meio ambiente, à participação de cursos e treinamentos na área ambiental e exploração suinícola.

Desta forma, é importante capacitar os associados com relação ao referido assunto, para reverter situações preocupantes neste aspecto e amenizar as agressões do meio ambiente, além de facilitar a caminhada rumo ao licenciamento ambiental das instalações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do estudo mostraram que, para a maioria dos produtores pesquisados, este assunto é relevante; entretanto, a

maioria deles não possui terra suficiente para absorver toda a produção de dejetos da propriedade.

A gestão inadequada dos dejetos pode se tornar uma ameaça para o solo, para a qualidade da água e do ar, para a saúde dos animais e dos seres humanos.

Quanto ao conhecimento dos produtores em relação aos impactos ambientais, notou-se que, de maneira geral, possuem noções sobre o que é impacto ambiental. No entanto, são conhecimentos pouco profundos que não lhes permitem defini-la, mas, citam exemplos reais com os quais lidam diariamente, relacionados ao tema abordado.

Na opinião de AB' Saber (1998), impacto ambiental consiste em qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de energia resultante das atividades humanas, que, direta ou indiretamente afetam a saúde, a segurança e o bem estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota, as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; a qualidade dos recursos naturais.

Conclui-se que, para transformar a realidade existente da pouca ação dos produtores para adotar medidas de preservação do meio ambiente, é necessário investir intensamente em aperfeiçoamentos para os produtores. Desta forma, criar-se-á pessoas conscientes das conseqüências da pouca preocupação com os dejetos e reverter-se-á esta situação.

Tendo em vista o exposto, sugere-se que a empresa integradora – Cooperativa Agropecuária Itapiranga, intensifique a orientação dos produtores para a adoção do manejo correto dos dejetos.

Sugere-se, também, que a empresa promova a instrução e a formação profissional de agricultores e comunidades rurais, por meio do ensino formal e informal. Nestes eventos de aperfeiçoamento e atualização, abordar temas relacionados ao meio

ambiente, impacto ambiental e Legislação Ambiental Básica, que versa sobre a suinocultura, com enfoque para a realidade do município de Itapiranga, de pequenas propriedades com alta demanda de dejetos.

Melhorar a capacidade organizativa dos produtores rurais, com o incentivo para a substituição dos sistemas de produção de suínos convencionais pela criação em sistemas intensivos de compostagem dos dejetos.

Estabelecer e fortalecer atividades de planejamento, manejo, ensino e informação, relativas ao uso da terra para a agricultura e os recursos terrestres. Iniciar e manter grupos voltados para o planejamento, manejo, conservação dos recursos terrestres agrícolas nas comunidades, com o objetivo de contribuir para a identificação dos problemas, o desenvolvimento de soluções técnicas e a implementação de projetos.

E acima de tudo, oferecer incentivos para os produtores rurais que participam de projetos ambientais e preservam os arredores dos locais onde se situam as instalações suinícolas.

REFERÊNCIAS

AB' SABER, A. N. Bases conceptuais e papel do conhecimento na previsão de impactos. IN: **Previsão de impactos.** 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ANUALPEC 2002. **Anuário da Pecuária Brasileira**. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2002.

ANUÁRIO CATARINENSE DE SUINOCULTURA: produção, tecnologia e mercados. Concórdia, 2002.

CAVALCANTI, S. de S. **Produção de suínos.** Campinas: São Paulo, 1984.

FNP/ABCS/ABIECS/IBGE, 2002. Disponível em: < http://www.fnp.com.br/ >. Acesso em 25 out de 2002.

OLIVEIRA, P. A. V. de. Programas eficientes de controle de dejetos na suinocultura. IN: **I Congresso Latino Americano de Suinocultura.** Foz do Iguaçu, out. de 2002.

PERDOMO, C. C. Custo de manejo, tratamento e utilização de dejetos líquidos de suínos. **Revista Nossa Terra.** Marechal Cândido Rondon. Out. de 2002.

STEIGLEDER, A. M. Áreas contaminadas e a obrigação do poluidor de custear. **Revista de direito Ambiental.** v.7. n.25, p.77, jan. 2002.

TESTA, V. M; et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense (Proposta para discussão).** Florianópolis: EPAGRI, 1996.